



BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – ABRIL - JUNHO 2005 (ANO 43)

HABEMUS PAPAM

No dia 2 de Abril, partia, para a Casa do Pai, o saudoso, santo e inesquecível Papa João Paulo II. Para continuar a sua prodigiosa obra e reger os destinos da Igreja, na tarde do dia 19 de Abril de 2005, «pareceu bem ao Espírito Santo» (Act 15, 28) e aos 115 Cardeais, reunidos em Conclave, escolher para Bispo de Roma, Pastor da Igreja Universal e 265º Sucessor de S. Pedro, a pessoa do Senhor Cardeal Joseph Ratzinger, o qual escolheu e se impôs o nome de Bento XVI. Conhecedores da sua ligação a Fátima e da sua veneração à Mãe de Deus, queremos desejar ao Santo Padre Bento XVI muitos e felizes



zes anos de serviço na «vinha do Senhor». Conhecedores da sua rara inteligência e competência e também da sua santidade e humildade, estamos certos de que, com o apoio da nossa obediência filial e fidelidade a Cristo e com a ajuda da nossa oração, o Santo Padre Bento XVI saberá conduzir a Igreja de Deus, presidindo à caridade e confirmando na fé os seus irmãos, guiando-os, pelos caminhos da obediência e fidelidade

de a Cristo e ao seu Espírito, sempre amparado pela protecção maternal de Maria e pela nossa solidariedade na fé e na oração.

A DEVOÇÃO DOS PASTORINHOS À SAGRADA EUCARISTIA

A mensagem de Fátima, na sua totalidade, consta de três ciclos: o ciclo angélico, o ciclo mariano e o ciclo do Coração de Maria.

«A meu ver, – escreve Mons. António dos Santos Marto, bispo da Diocese de Viseu – as aparições do Anjo e a última aparição em Tuy constituem, respectivamente, o pórtico de entrada e a chave de abóbada, à luz dos quais deve ser enquadrada e perspectivada toda a mensagem. É nelas que aparece vincadamente o mistério eucarístico em relação íntima com o mistério trinitário.»

Antes de percorrer as vivências eucarísticas dos bem-aventurados Pastorinhos durante as aparições do Anjo e de Nossa Senhora, convém mencionar um caso que a irmã Lúcia relata na Primeira Memória.

«Como minha irmã era zeladora do Coração de Jesus, sempre que havia comunhão solene de crianças, levava-me a renovar a minha. Minha tia levou, uma vez, a sua filhinha a ver a festa. A pequenita fixou-se nos anjos que deitavam flores. Desde esse dia, de vez em quando afastava-se de nós, quando jogávamos; colhia uma arregaçada de flores e vinha atirar-me com elas.

– Jacinta, para que fazes isso?

– Faço como os anjinhos, deito-te flores.

Minha irmã costumava, ainda, em uma festa anual que devia ser, talvez, a de Corpus (Christi), vestir alguns anjinhos, para irem ao lado do púlpito, na procissão, a deitar flores.

Como eu era sempre uma das designadas, uma vez, quando minha irmã me provou o vestido, contei à Jacinta a festa que se aproximava e como eu ia a deitar flores a Jesus. A pequenita pediu-me, então, para eu pedir a minha irmã para a deixar ir também. Fomos as duas fazer o pedido; minha irmã disse-nos que sim. Provou-lhe também um vestido e, nos ensaios, disse-nos como devíamos deitar as flores ao Menino Jesus. A Jacinta perguntou:

– E nós vêmo-Lo?

– Sim – respondeu minha irmã –, leva-O o Senhor Prior.

A Jacinta saltava de contente e perguntava continuamente se ainda faltava muito para a festa. Chegou, por fim, o desejado dia e a pequenita estava doida de contente. Lá nos colocaram as duas ao lado do altar; e, na procissão, ao lado do púlpito, cada uma com o seu açafate de flores. Nos sítios marcados por minha irmã, atirava a Jesus as minhas flores. Mas, por mais sinais que fiz à Jacinta, não consegui que espalhasse nem uma. Olhava continuamente para o Senhor Prior e nada mais. Quando terminou a função, minha irmã trouxe-nos para fora da Igreja e perguntou:

– Jacinta, por que não deitaste as flores a Jesus?

– Porque não O vi.

Depois, perguntou-me:

– Então tu viste o Menino Jesus?

– Não! Mas tu não sabes que o Menino Jesus da hóstia, que não se vê, está escondido?! É O que nós recebemos na comunhão.

– E tu, quando comungas, falas com Ele?
 – Falo.
 – E por que não O vês?
 – Porque está escondido.
 – Vou pedir a minha mãe que me deixe ir também a comungar.
 – O Senhor Prior não ta dá sem teres 10 anos.
 – Mas tu ainda os não tens e já comungaste!
 – Porque sabia a doutrina toda e tu não a sabes.
 Pediram-me, então, para os ensinar. Constituí-me, então, catequista dos meus dois companheiros que aprendiam com um entusiasmo único. Mas eu que, quando me interrogavam, respondia a tudo, agora, para ensinar, poucas coisas me lembravam, o que fez com que a Jacinta me dissesse, um dia:
 – Ensina-nos mais coisas, que essas já as sabemos.
 Confessei que não me lembravam sem mas perguntarem, e acrescentei:
 – Pede a tua mãe que te deixe ir à Igreja aprender.
 Os dois pequenitos, que desejavam ardentemente receber a Jesus escondido, como eles diziam, foram fazer o pedido à mãe. Minha tia disse que sim, mas poucas vezes os deixava ir, por que, dizia ela, a Igreja é bastante longe, vocês são muito pequeninos e, de todos (os) modos, o Senhor Prior não vos dá a comunhão antes dos 10 anos.
 A Jacinta fazia-me continuamente perguntas a respeito de Jesus escondido e lembro-me que, um dia, perguntou-me:
 – Como é que tanta gente recebe ao mesmo tempo o Menino Jesus escondido? É um bocadito para cada um?
 – Não. Não vês que são muitas hóstias e que em cada uma está um Menino?!
 Quantos disparates lhe terei dito!»

Segundo D. António dos Santos Marto: «Na primeira aparição o Anjo comunica e suscita nos videntes o espírito de adoração reparadora na fé, esperança e caridade através de uma oração simples e bela: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam». Na segunda aparição suscita o espírito de sacrifício através do sacrifício quotidiano.

E na última, explica e concretiza o espírito de adoração sacrificial numa dimensão trinitária e eucarística, através da oração e da comunhão dos três pastorinhos. Trazendo na mão um cálice e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálice, algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração, conferindo-lhe uma finalidade reparadora, de que a oração do Anjo é extremamente iluminante:

«Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu Vos adoro profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrifícios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.»

Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálice e a Hóstia e deu a Hóstia a Lúcia e o que continha o cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo, como outrora Jesus na última Ceia: «Tomai e bebei...!»

«A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo» – comenta a Lúcia.
 «Passados alguns dias e recuperado o estado normal, perguntou o Francisco:

– O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi o que ele nos deu?

– Foi também a Sagrada Comunhão – respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível. Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia?

– Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!

E, prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo,.... repetindo a oração do Anjo...»

Já na primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio, quando a graça de Deus lhes é revelada e comunicada sob a forma de luz tão intensa, que penetrando-os no peito e no mais íntimo da alma fazia-os ver a si mesmos em Deus que era essa luz, os videntes rezaram intimamente: «Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento».

Por fim, temos a última aparição em Tuy. Qual abóbada, remata e sintetiza toda a mensagem nessa visão deslumbrante que compendia num só e único olhar o mistério da Trindade, o sacrifício redentor da Cruz, o sacrifício eucarístico e a presença e participação singular de Maria sob a cruz, com o Seu Coração Imaculado em todo este mistério da salvação do mundo:

«...De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um Cálice e uma Hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálice...»

É este mistério de amor que celebramos na Eucaristia.

Durante a infância aprendi na minha família e na catequese que Jesus está na Eucaristia e desde então creio na sua presença. Hoje como sacerdote, ao celebrar a missa, fico profundamente comovido e admirado que o Pão da vida e o Cálice da salvação se encontrem nas minhas mãos.

Observei esta admiração também no rosto do Santo Padre, durante a sua missa, ao levantar, com a mão trémula, a Hóstia consagrada e o Cálice.

A fé na presença real de Jesus Cristo na Hóstia tornou-se também para mim o mais importante de toda a minha vida sacerdotal. Durante os meus estudos teológicos aprendi, como a Igreja tentou explicar teologicamente, no percorrer dos séculos, esta presença. A partir da Idade Média os teólogos serviram-se para isso dos conceitos da Filosofia de Aristóteles, de «substância e accidens».

O século passado deu origem a novas explicações da presença de Cristo na Eucaristia, que partem da realidade característica de Jesus ressuscitado. Ele, já com o Corpo glorioso, com o Seu «ressuscitado corpo espiritual» (1 Cor 15,44) . Segundo S. Paulo, o seu Corpo «é um espírito que vivifica» (1 Cor 15,45), não se limita no espaço e no tempo, pode estar onde quiser, operar e mostrar-se, onde e como quiser, podendo assim aderir às oferendas do altar, para que elas se transformem n'Ele mesmo, na sua realidade divino-humana glorificada, e assim seja o fundamento destas oferendas. Entra em relação com as oferendas consagradas, nelas se torna presente, por nós, para que, nesta oblação, com Ele também possamos entregar-nos, cada

vez mais, ao Pai. Assim «será toda a humanidade oblação agradável a Deus», como explica o Concílio Vaticano II: «O Senhor desta esperança e o viático para este caminho deixou o Senhor aos seus naquele sacramento da fé, em que os elementos naturais, cultivados pelo homem, se convertem no Corpo e Sangue gloriosos, na ceia da comunhão fraterna e na prelibação do banquete celeste.»

Que grandes modelos são os bem-aventurados Pastores, pela sua fé viva na presença de Jesus na Hostia consagrada! Não há testemunha mais autêntica para falar disso do que a Irmã Lúcia, a sua fiel companheira naqueles mistérios.

Pelas 15 horas do dia 1 de Agosto de 1955, no Locutório do Carmelo de Coimbra, reuniu-se o Tribunal encarregado de ouvir o depoimento da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado no Processo da canonização do Servo de Deus Francisco Marto.

«Eu, Irmã Maria Lúcia do Coração Imaculado, tocando os Santos Evangelhos postos diante de mim, juro e prometo dizer a verdade... Assim prometo e juro; assim Deus me ajude e estes Santos Evangelhos.» Ninguém duvide na autenticidade do seu depoimento depois desta impressionante declaração, que o notário fielmente reproduziu, sem nada acrescentar, omitir ou corromper. No final, o depoimento foi lido em voz alta, e Lúcia confirmou nestes termos: «Juro que disse a verdade, confirmo tudo o que está escrito e nada tenho a corrigir.»

No seu depoimento sobre o Francisco, diz:

«O Francisco manifestou grande devoção para com o Santíssimo Sacramento. Visitava-O sempre que podia dispor de tempo para isso, sobretudo depois de ter deixado de pastorear as ovelhas.

Quando já doente, visto não poder frequentar a escola por causa do estado de fraqueza em que se encontrava, era para ele motivo de grande alegria sempre que eu o deixava acompanhar-me e a Jacinta até à Fátima pois podia assim ficar na igreja junto de Jesus escondido enquanto nós íamos para a escola. Um dos motivos por que ele não frequentava a escola era o de não poder suportar o barulho dos companheiros, por causa da sua muita fraqueza.

Nessa ocasião a Igreja encontrava-se em obras e provisoriamente o Santíssimo estava num pequeno altar ao fundo da Igreja, onde está hoje a Pia Baptismal. Então o Francisco ocultava-se entre a Pia e o Altar e aí quase sempre nós o encontrávamos, quando no regresso da escola, o íamos chamar. Que grandes momentos ele tinha passado com o Jesus escondido!

Manifestava grande desejo também de receber a Sagrada Comunhão e tinha muita pena de o Pároco não lha querer dar antes dos dez anos. Aguardava, com ânsia, o dia em que completaria essa idade na esperança de então poder receber a Santíssima Eucaristia; mas era preciso esperar pelo dia em que as crianças da terra faziam a primeira Comunhão Solene. Entretanto adoeceu não podendo depois aguentar a Catequese que o Pároco não dispensava. Por isso só lhe foi concedida esta graça na véspera de morrer.

Manifestava grande alegria por ter comungado das mãos do Anjo. Perguntava se no Céu os Anjos também davam a Sagrada Comunhão e dizia que se eles A dessem havia de comungar lá todos os dias.

Perguntava se no Céu Jesus estava assim escondido

numa Hóstia ou se a gente O via, e dizia que se O visse não sabia como é que O havia de comungar.

Antes de adoecer ele desejava receber a Sagrada Comunhão. Procurava portanto preparar-se aprendendo com interesse o Catecismo o qual decorava com certa facilidade procurando até com inteligência bastante superior à sua idade penetrar-lhe o sentido.

A princípio dizia que não compreendia como é que Deus sendo tão grande cabia num sacrário tão pequeno nem porque é que estando ali vivo, a gente O não via, nem Ele vinha falar connosco. Depois disse-me já compreender como era pois que, sendo Deus tão grande e podendo fazer tudo quando queria, fazia-Se pequeno e escondia-Se de maneira a que nós O não pudéssemos ver.

Embora o Francisco soubesse o Catecismo e pela idade exigida pelo Pároco (dez anos) pudesse fazer a sua primeira Comunhão no verão de 1918, o Pároco um pouco atrapalhado com o facto das aparições, não sabendo bem o que pensar, resolveu adiar a comunhão para o ano seguinte. Para o Francisco esta prova foi muito custosa, mas aceitou-a, resignado, oferecendo-a a Deus pela conversão dos pecadores. Por vezes perguntava-me se quando eu comungava sentia a mesma coisa que tínhamos sentido quando o Anjo nos deu a Comunhão. Dizendo-lhe que era muito diferente porque nada se via nem ouvia, o Francisco acrescentava que, apesar disso, gostava muito de comungar.

Esta graça acabou por lhe ser concedida na véspera de partir para o Céu. Preparou-se com todo o cuidado, confessou-se no dia dois de Abril, no dia três foi-lhe ministrado o Sagrado Viático pelo substituto do pároco, que, por essa altura, já tinha deixado a freguesia. Faleceu no dia 4 de Abril de 1919, com grande alegria por ter recebido a Sagrada Comunhão.»

No dia 14 de Fevereiro de 1955 pelas 16 horas realizou-se também o depoimento da Irmã Lúcia sobre a devoção da Jacinta à Santíssima Eucaristia.

«Também a Jacinta era muito devota do Santíssimo Sacramento» – afirma a Irmã Lúcia sob juramento, no Processo Canónico para a canonização da Jacinta.

«Ela tinha a consciência da presença de Jesus na hóstia consagrada e chamava-lhe Jesus escondido.

Costumava visitar o Santíssimo Sacramento na igreja paroquial antes e depois das aulas, quando passou a frequentar a escola. Quando já doente, embora andasse de pé, deixou de ir à escola por lhe prejudicar a saúde, ia algumas vezes comigo a Fátima com licença da mãe e, enquanto eu assistia à aula, ela entrava na Igreja e lá ficava até eu regressar no final. Para não ser importunada pelo povo que a procurava, costumava, por minha sugestão, esconder-se no púlpito e lá ficava todo o tempo em que eu estava na escola. No fim eu entrava na Igreja, chamava-a e regressamos às nossas casas.

Mostrava grande desejo de comungar, sentindo desgosto de não o poder fazer, pois segundo o costume da região, só depois dos dez anos se podia fazer a primeira comunhão. Por isso ela nunca comungou em Fátima. Consta, porém, que comungou várias vezes em Lisboa, o que lhe causou grande alegria.

Ela ficou muito contente com a comunhão que o Anjo lhe proporcionou.

Quando já estava gravemente doente, e eu ia vê-la, pedia-me que quando fosse visitar o Santíssimo, lhe desse

saudades dela. E quando sabia que eu tinha comungado, encostava a cabeça ao meu peito, dizendo que eu tinha ali Jesus escondido.

E naturalmente, a Jacinta também falava frequentemente de Jesus escondido com respeito, devoção e amor. Ouviam-se-lhe dizer frases como estas:

‘Gosto tanto de Nosso Senhor que se nos matarem, é o mesmo; vamos mais depressa para o Céu.’

‘Gosto tanto de Nosso Senhor que nunca me canso de lhe dizer que O amo.’

‘Gosto tanto de Nosso Senhor que às vezes parece que tenho lume no peito, mas não me queima.’

Comentando as palavras de Nossa Senhora na última aparição: ‘Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido’, dizia que tinha muita pena de Nosso Senhor porque Nossa Senhora tinha dito para não O ofenderem mais e que continuavam a fazer pecados.

Quanto aos seus sentimentos para com a paixão de Jesus, ela gostava de contemplar o Crucifixo principalmente durante a sua doença. Olhando o Crucifixo, por vezes enternecia-se até ao ponto de chorar. Permanecia muito tempo com o Crucifixo nas mãos e beijava-o com frequência.»

A PERSONALIDADE DA IRMÃ LÚCIA

Francisco e Jacinta morreram ainda crianças, na primavera da sua vida. Deus quis assim que as futuras gerações vissem neles um modelo de meninos santos. Assim ficarão para sempre. Crianças eternizadas na flor de uma primavera contínua que não conhece verão, outono e inverno. Com o perfume das suas virtudes, atrairão outras crianças e adultos para o caminho da santidade.

Porém Lúcia, a terceira pastorinha, teve a grande missão de anunciar, transmitir e divulgar a Mensagem de Fátima. Vivendo uma vida, caracterizada pela oração e meditação, foi ela que revelou, por escrito, o que os três pastorinhos de Fátima receberam do Céu.

E foi Deus que a preparou para esta missão.

Para formar e exprimir uma ideia, é necessário haver matéria. Que seria da obra do escultor, se lhe faltasse o mármore branco, brilhante e cristalino? Também o mesmo se aplica à pessoa humana: não existindo a sua natureza recebida de Deus e dos progenitores, como formá-la e enchê-la de espírito, como formar a própria personalidade? Existe em cada pessoa humana suficiente natureza, espírito e sensibilidade, só é necessário despertá-los. Na alma sã sempre há sede, mas é necessário conduzi-la para que queira e procure o bem. É necessário mostrar-lhe valores e a missão que ela deve realizar. A realização deve vir do «eu». Da realização nasce a personalidade bela e feliz. «Vita, vita abundantius...» Que tenham vida, e vida em abundância! Por isso Deus colocou a alma de cada pessoa no centro da vida dela.

Uma grande personalidade nasce dum grande missão, dum ideal confiante que se torna dominante para o futuro e lhe fornece beleza e força.

Este ideal na pequena Lúcia de 10 anos surgiu no espírito do Evangelho e chama-se Mensagem de Fátima. Esta, sim, tinha a seiva necessária para fazer da pequena Lúcia uma

heroína, e no firmamento deste ideal, nos raios desta beleza, mergulhava a sua alma, contemplando as verdades eternas. A Mensagem que recebeu do Céu e vivia em profundidade, era autêntico brilho do Evangelho, que ela transmitia também para as pessoas com quem convivia, com quem falava e para todos os que hoje lêem os seus escritos. Foi, portanto, o espírito evangélico que transformou a sua sensibilidade na vivência espiritual de que fala o salmo: «O encanto se derramou em teus lábios... Deus te abençoou para sempre... Amas a justiça e odeias a injustiça, por isso Deus te ungiu com o óleo da alegria, preferindo-te aos teus companheiros... à tua direita está a rainha ornada com ouro de Ofir...» (Sl 44, 3.4.8.9.10)

Nesta vivência consistiu a sua felicidade, a sua riqueza e agora também a sua glória!

O espírito da Mensagem tomou conta dela e transformou a sua alma em verdadeira beleza. Tornou-se nela um contínuo fluído. Sentiu que Deus estava com ela, tomava conta dela e a passos certos a conduzia até ao fim, para a vida eterna. Sempre que me encontrava com a Irmã Lúcia, sentia estar com alguém que convivia conscientemente com Deus, com a Santíssima Virgem, com os seus primos beatificados e que no seu interior continuava sempre a ouvir a voz do Anjo e de Nossa Senhora, vozes que não se podiam apagar. À Mensagem se consagrou inteiramente, dela ficou persuadida, acreditando no que lhe fora dito, e viveu em conformidade com as verdades, em oração e sacrifício. As palavras, os ensinamentos do Anjo e de Nossa Senhora tornaram-se farol para os seus passos e luz para o seu caminho. Habitou-se a tudo cumprir, até ao fim, e tudo guardou nos seus escritos, para que a pudéssemos seguir nós também.

MENSAGEM DO PAPA PARA AS EXÉQUIAS DA IRMÃ LÚCIA

«Com profunda emoção tomei conhecimento que a Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, com 97 anos de idade, foi chamada pelo Pai celestial para a missão eterna do Céu. Ela assim atingiu a meta para a qual sempre aspirou na oração e no silêncio do convento... A visita da Virgem Maria que a pequena Lúcia recebeu em Fátima, junto aos seus primos Francisco e Jacinta em 1917, foi para ela o início de uma singular missão à qual se manteve fiel até ao fim dos seus dias. A Irmã Lúcia deixa-nos um exemplo de grande fidelidade ao Senhor e de gozosa adesão à sua divina vontade.

Lembro com emoção os vários encontros que tive com ela e os vínculos de amizade espiritual que ao longo do tempo foram-se intensificando.

Sempre me senti amparado pela oferta quotidiana da sua oração, especialmente nos duros momentos de provação e de sofrimento. Que o Senhor a recompense amplamente pelo grande e escondido serviço que prestou à Igreja. Apraz-me pensar que para acolher a Irmã Lúcia, na sua piedosa passagem desta terra para o Céu, tenha sido precisamente Aquela que ela viu em Fátima, já faz tantos anos. Queira agora a Virgem Santíssima acompanhar a alma desta sua devota filha ao bem-aventurado encontro com o Esposo divino...»





Sábado, dia 2 de Abril de 2005, às 21, 37 horas
o Senhor chamou para junto de Si

O SANTO PADRE JOÃO PAULO II

No dia 8 de Abril de 2005 o mundo inteiro curvou-se diante da urna de João Paulo II. Por detrás da sua figura há um testemunho de vida que não escapa a ninguém, muito menos a mim, que tive a grande graça de me encontrar com ele pessoalmente já em 27 de Abril de 1979, meses após a sua eleição, e visitá-lo no Hospital Gemelli, em 3 de Março de 2005, um mês antes da sua morte. Assim acompanhei o seu Pontificado de 26 anos. Ele gastou a sua vida em nome da fé, pela causa da salvação das almas e da paz da humanidade. O mundo inteiro reconheceu assim que a sua doutrina – à qual dedicou a vida até ao fim –, é o Evangelho, que tem a força de transformar a humanidade numa fraternidade com Cristo e com os homens.

O acontecimento na Praça de São Pedro em 13 de Maio de 1981 e o ter tomado conhecimento do conteúdo da 3ª parte do segredo de Fátima, no Hospital Gemelli, poucos dias depois do atentado, transformaram João Paulo II no realizador mais convencido e zeloso da Mensagem.

Ao convidar os bispos do mundo inteiro, para que em união com ele, consagrassem o mundo, com menção especial da Rússia, ao Coração Imaculado de Maria, e ao introduzir, em nome da Igreja, a recitação do Rosário nos primeiros sábados de cada mês, à qual pessoalmente quis presidir, João Paulo II cumpriu aquilo que, já em 13 de Julho de 1917, Nossa Senhora anunciara que mais tarde viria pedir, de cujo cumprimento dependeria a conversão da Rússia, a paz no mundo e o triunfo do Seu Coração Imaculado.

Se o primeiro pedido: «é chegado o momento», feito em 13 de Junho de 1929, se dirigia ao próprio Papa, o segundo era tarefa de toda a Igreja. Mas foi João Paulo II, como Papa, que solenemente o iniciou dando um bom exemplo a toda a Igreja. A Santíssima Virgem dissera a Lúcia, em 13 de Junho de 1917: «... Tu ficarás cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono.» Em 10 de Dezembro de 1925 foi o próprio Jesus, que pediu à Irmã Lúcia: «Tem pena do Coração de tua SS. Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar.» E em seguida, a SS. Virgem falou-lhe assim: «Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de Me desagavar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.»

Providencialmente, o Santo Padre João Paulo II, no primeiro sábado de Abril, acompanhado da multidão na Praça de S. Pedro, recitando o Rosário, com um último 'Amen' entregou a sua alma ao Pai Celestial, pelas mãos de Maria. Para os cristãos fica este acontecimento como um testamento de Fátima de João Paulo II, assinado com a sua morte: a prática dos primeiros sábados, pedida por Nossa Senhora, para alcançar a salvação eterna, a paz para o mundo e para acelerar o triunfo do Seu Coração Imaculado.

Com a gratidão mais profunda agradecemos ao Santo Padre pela beatificação de Francisco e Jacinta, da qual ele foi o grande Promotor, tendo querido vir pessoalmente a Fátima, para confessar a sua gratidão pelas orações e sacrifícios de Pastorinhos. Agora pedimos a sua intercessão junto de Deus, para que quanto antes possamos viver a canonização não só dos Bem-aventurados Francisco e Jacinta, mas também a de Lúcia, já que todos se encontram na felicidade do Céu, que lhes fora prometido.